HISTORIA

DE

IGNEZ DE CASTRO

CONTENDO O EPISODIO DOS LUSIADAS.

LISBOA
TYPOGRAPHIA MINERVA OCCIDENTAL
132, R. dos Cardaes de Jesus, 142
1885

D. IGNEZ DE CASTRO

I

Preliminar

Não ha mãos humanas que se atrevam a profanar com a critica da historia, a formosa lenda dos amores infelizes d'esta desditosa senhora, que *depois de morta foi rainha.*

Essa lenda tão viva hoje como ha cinco seculos, em que occorreram os tragicos acontecimentos de que se criou na phantasia imaginosa e ardente do povo, ficou eternamente gravada no livro de ouro das velhas glorias portuguezas, pela pena do seu divino cantor, o grande epico Luiz de Camões.

D Ignez de Castro attingiu as proporções ideaes de uma concepção sagrada. Pertence á adoração intima das multidões, em cujo seio reside inato

o culto instintivo do bello e do grande e a veneração respeitosa por tudo quanto é sublime e extraordinario.

Santificada pela tremenda e barbara expiação a que foi tão cobardemente submettida, a *sua culpa de amor*, tornou-se a sua aureola de martyr.

Martyr d'essa religião do amor, ella destaca-se da longa familia das Ophelias e das Desdemonas, em que a hisioria a filia, constituindo por si só, um typo incomparavel e universal, em que se resumem e personalisam todas as affeições da mulher; porque essa infeliz senhora não foi só amante desvelada, mas foi egualmente mãe amorosissima e espoza terna e idolatrada.

Essa circumstancia dá tal relevo de sentimentalidade a estes amores, que nenhuns outros por mais tragicos que se desenlacem, a phantasia humana criou que os excedesse.

O sentimento da tragedia está n'esta historia lugubre, em que o ferro humicida, primeiro que mate a mulher, fere de morte a mãe nos ternos filhos, aquelles queridos seres da sua alma, para os quaes pede se movam á compaixão os olhos do rei e do pae.

> O' tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
> (Se de hunano é matar uma donzella
> Fraca e sem força, só por ter sujeito
> O coração a quem soube vence-la

A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della :
Mova-te a piedade sua, e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

O epilogo tremendo que ella teve, é de um grandioso inconcebivel. Em nenhuma concepção da phanthasia humana, ha nada comparavel á bravura exasperada da dor do amante, do pae e do espozo, esmagado pela evidencia brutal que o deixa de subito na viuvez do isolamento d'aquella, cujo destino despotico não quiz que vivesse mais para o seu amor, senão para a sua vingança, na memoria sangrenta do terrivel drama em que lhe foi arrebatada.

Essa vingança que tornou de pedra a alma d'esse homem, d'esse principe, d'esse rei, é um dos factos mais assombrosos de que a hisioria nos deixou registro.

Essa vingança em que se gasta uma existencia e se consome um reinado, essa vingança que fórma um proposito e subordina todos os demais actos da vida d'esse homem, d'esse principe e d'esse rei, é tremenda revelação das penas infernaes a que fôra condemnado aquelle coração, certamente tão grande para o amor como digno de melhores destinos e de mais brandos e risonhos dias d'essa felicidade intima, de que a final nem as maiores

grandezas da terra compensam um rei, quando ella lhe falta, quando sobre o seu scetro de ouro, a sua purpura de arminhos, a sua grandeza magestalica, elle vê que a triste ironia do destino lhe mostra vasia a alma, d'esses affectos que são a vida, sem a qual não ha scetros, nem purpuras, nem grandezas que se apreciem.

Ah! por isso elle fez das insignias da realesa a sua mortalha e surgiu como um phantasma, cuja missão sobrenatural, era o exterminio dos que, o seu espirito eternamente doentio d'aquelle mal tão sem cura, e tão legitimo, julgava menos justos, menos crentes, menos licitos, ou menos dignos.

E em cada um d'esses casos julgando e castigando severa e impiedosamente, como elle tambem fôra julgado e castigado por seu pae e rei, o seu coração condemnando ás eternas escuridões do desespero, do rancor e do odio, aprazia-se em vingar a morte angelica d'aquelle ser edeal e ao qual a sua dôr não lhe permittia outro culto que não fosse o da vingança, o do exterminio e o da morte.

Por isso, dos amores d'este rei, fez a tradição a lenda universal de D. Ignez de Castro, conhecida em todo o mundo, eternamente nova, eternamente apaixonada, sem que perdesse jamais com o tempo nenhum dos seus inemitaveis atrativos de poezia, do seu mago perfume de um sentimentalismo vago, em cujas subtilezas encantadoras se en-

nebriam apaixonadamente os espiritos delicados e as almas boas e generosas.

Tal é a tella em que passamos a esboçar esse ideal, cujos traços eternos gravou como em marmore, na grande alma popular a compaixão e a piedade publica.

II

A aia da rainha

Era em 1339, e a corte de Affonso, o Bravo, entregava-se aos prazeres das festas regios com que o illustrado e aguerrido monarcha celebrava o consorcio de Pedro, seu filho e successor.

Muitas razões de estado se davam para que esses enlace com a filha de D. João Manuel, promettida esposa do rei castelhano, fosse estimulo para que a côrte portugueza, em competencias de galanteria, se mostrasse em tudo egual á isempção e grandeza do heroico vencedor do Salado.

No meio d'essas festas e ao ruido alegre d'esses banquetes da côrte do rei guerreiro, destaca-se o vulto angelico d'uma creação puramente edeal, que para logo prende a attenção de todos os cortezãos.

Esse vulto gracioso é o de D. Ignez de Castro, na primavera d'uma existencia aristocratica, que alliava ao perfume dos salões os encantos naturaes d'uma mocidade explendida.

A noiva do futuro rei portuguez, D. Catharina, tinha por esta dama uma grande estima.

Ella era a sua confidente, a sua intima amiga, para a qual não tinha um segredo, nem uma reserva, nem uma expressão menos amoravel, que traduzisse a superioridade da sua estirpe.

Arrastando uma existencia moralmente doentia, no meio das luctas a que a rudeza e ambições do tempo davam o vulto negro da tragedia, D. Catharina encontrava n'aquella delicada organisação e angelico espirito da sua aia, ou dama de honor, como que um refugio, um doce isolamento que a fazia esquecer os perigos e receios em que a sua imaginação se enleiava permanentemente por si e pelos seus.

D'essa atracção natural, que tão intimamente ligava D. Catharina a D. Ignez de Castro, para logo participou egualmente D. Pedro, o espozo da infeliz senhora.

De sorte que, já perdidos os ultimos eccos dos ruidosos saraus e torneios alegres, D. Catharina, com essa previsão fatal de quem se presente victima de um mau destino e a apparente confirmação de quem não póde fugir-lhe, achando-se com

D. Ignez nos jardins do seu palacio de Almeirim, dadiva, do velho e briozo sogro, disse-lhe sorrindo tristemente, ao ouvil-a recordar com saudade, aquelles festins brilhantes.

—Foste, minha linda, a verdadeira rainha d'essas festas.

—Aos olhos da minha senhora e ama pelo muito, muito que me quer, não é assim, balbuciou n'um tom melodioso e encantador a gentil aia.

—Aos meus olhos és um anjo, e uma rainha é simplesmente uma mulher. E nem sempre das mais felizes e das mais isemptas de amarguras e cuidados.

—Cuidados de ser querida e adorada de seus vassallos não os terá minha senhora.

—Porque morrerei antes de ser rainha, atalhou como que propheticamente a desditosa filha do revolto e agitado fidalgo castelhano D. João Manoel.

—Santissíma virgem! que mau persagio!

—Que? pesa-te a minha morte?!

—Oh! que pergunta, minha senhora.

E enleiada, palpitante de commoção adoravel, com os olhos lagrimosos, a gentil menina, a formosa D. Ignez de Castro, lançou-se de joelhos diante da sua nobre senhora e beijou-lhe as mãos delicadas e as faces ardentes da febre que devorava aquella organisação predestinada para soffrer.

— Que lugubre pensamento!

— Queres-me muito? Nunca chegarias a odiar me?

— Jesus! Quer matar-me? odial-a! eu?... Porque?! E como a havia de odiar, se eu não sei o que seja ter odio a alguem! Nem comprehendo mesmo que prazer haja em desejar mal a uma pessoa e muito mais quando d'ella não tenhamos recebido aggravos, se não favores, estima que não se merece, e uma intimidade tão affectuosa, que até chega a preduzir inveja, a causar despeitos merecido.

D. Catharina contemplava embevecida aquella dôr da sua formosa aia, e as suas queixas tão sinceras e tão verdadeiras.

— Anjo te chamei e anjo és, minha encantadora filha!

E erguendo-a, sentou-a ao seu lado, e procurou destruir o mau effeito produzido no animo da donzella por aquellas suas palavras de mulher, em cujo coração entrara, desde que pozera pé em terra portugueza, a tremenda suspeita de que seu marido não podia amal-a, porque amava outra.

E não se enganava.

Esta fatalidade, porém, tornára-se para si mais grave, desde que essa outra mulher, que lhe rou bava o espozo, tambem a trazia a ella de criança por assim dizer, captiva nos laços da mais pura e

sincera amisade: em fim, desde que essa mulher se chamava D. Ignez de Castro.

Ah! mas agora que ella tinha a certeza absoluta da innocencia da pobre donzella, no mal que lhe estava causando, D. Catharina sentiu até remorsos de attribular o angelico espirito da sua aia e lançar n'elle umas duvidas, cuja causa, por um sentimento natural de delicadeza e de nobre orgulho, lhe repugnava explicar.

—Não fallemos mais de mim. Esquece mesmo as minhas palavras de ha pouco. São ellas o producto da minha imaginação doentia. O habito do infortunio, criou-me esta prevensão sombria de tudo quanto é mau e triste. Fui promettida esposa de um rei e sou esposa do herdeiro de um reinado, mas a corôa que me cinge a fronte é de espinhos que gotejam o sangue do sacrificio. Que tenhas, Ignez, sempre tanto dó de mim, quanto interesse eu tenho pela tua pureza e pela tua virtude.

—Não comprehendo bem, minha senhora, mas não posso accreditar que se queixe de mim.

—Não, por certo, Só te previno que mil perigos te cercam e seguem de Hespanha á córte portugueza, eguaes nos habitos e nos costumes e onde para comnosco, as mulheres. ainda os maiores da nobreza nem sempre procedem como tal. Junto de nos esses cavalleiros leaes e valentes, chegam a

praticar cobardias e vilanices proprias da ultima plebe.

. . . .

. . . .

Os derradeiros dias do outono tinham dado aos campos um aspecto diverso, como se preparassem, com essa mutação, scenario apropriado ao prologo do terrivel drama em que os corações d'aquellas duas mulheres haviam de ser tão cruelmente despedaçados.

As arvores mostravam-se hirtas, estendendo para o Ceo os seus troncos recequidos, e o solo humedecido, desdobrava aos pés das duas gentis senhoras o seu tapete de inverno. — as folhas das arvores seculares e as petellas emmurchecidas das flores desfolhadas na aste.

Era a primavera que se despedia, e, n'aquella tarde entre aquelles dois seres adoraveis, era tambem a primavera que trocava o seu derradeiro osculo.

Quando se levantaram d'aquelle banco, ellas tinham ambas entrado no inverno da vida, em que raro bate uma hora em que o sol tenha raios que aqueçam e resplendores que emmoldurem um formoso dia.

D. Ignez sentia-se mulher, como tal fraca e indefeza; D. Catharina mais que tudo isso, sentia-se desgraçada, votada ao sacrificio de todos os affe-

ctos — uma, proxima de um abysmo a outra suspensa sobre elle.

III

Os laços do Amor

Estava bem longe a linda Ignez de suppor qual o genero de supplicio que o destino reservava ao seu coração, tão bem formado e onde jamais existira um sentimento que não fosse justo, casto e bom.

As previsões da sua amiga e senhora, levavam-na a acreditar em que na realidade, muitos perigos a ameaçavam, no meio de uma côrte de homens de guerra, de uma natural rudez e dirigidos pela força brutal de instantes, nem sempre generosos, quando influenciados por uma educação descorada, que deixa o homem, por assim dizer, no seu estado primittivo.

Precisar, porém, donde viria esse perigo, nunca a sua rasão poude tanto.

Mas, uma noite em que D. Catharina estava ausente e ella ficára em Almeirim, por conselho do physico que a prohibira de jornadear com sua

ama, abre-se a porta do seu quarto, como se mão invisivel a houvesse tocado, e, na sua frente surge um vulto embuçado, cuja presença inesperada lhe fez soltar um grito retumbante e cahir exanime por effeito de um medo invencivel.

Esse vulto cujas feições não era possivel reconhecer, porque sobre o rosto a viseira da armadura estava descida, conservava-se de joelhos a seus pés quando ella voltou a si.

— Se viesse para a violentar, senhora, não me encontraria agora aqui a seus pés.

— Ah! balbuciou afflitissima a gentil senhora, mas quem é e porque motivo se introduzio a estas horas nos meus aposentos?

— Sou, primeiro que tudo, um homem que a ama

— Mas, é singular, que para m'o dizer traga o rosto occulto e venha, como se houvesse de entrar n'umas justas ou torneios.

— Trago o rosto occulto porque eu, nobre dama, não posso amal-a de cara descoberta. Condemnou-me o inferno a occultar até de mim proprio, este amor immenso! que palavras não exprimem e só em acções poderei evidenciar. Venho armado por que lhe quero significar, que para vencer este amor, empregarei toda a minha força, toda a minha vontade e todos os meus recursos!

D. Ignez soltou um grito de terror e recuando naturalmente balbuciou.

— Senhor! a sua voz denunciou-o já aos meus ouvidos. Fuja! fuja quanto antes, peço-lh'o!... ou mate-me!

— De que serviria matar-te!?... se na tua vida se ia a minha vida e o meu amor!... Ignez, eu sinto por ti uma paixão que se aproxima da loucura. Repugna-te ouvir-me porque és amiga de D. Catharina, bem, pois fica sabendo que por essa mesma amisade que lhe tens é que tu has de ouvir-me, fatalmente!

E aproximando-se d'ella n'uma commoção enorme, preseguiu:

— Porque eu amo-te! amo-te muito! e tamanho é este amor, que... ai! de D. Catharina se um dia eu adquirisse a certeza de que era ella o obstaculo a que eu fosse, não digo mesmo correspondido, mas obedecido na satisfação dos meus desejos...

— Ai de D. Catharina, disse...

— Disse e...

— E que lhe faria á minha querida ama?

— Matava-a!... e entregava a minha alma a Satanaz.

D. Ignez estremeceu de novo.

D. Pedro tinha levantado a viseira que lhe compremia a alterada respiração e a sua phisionomia, misto de desejos e de desesperos, patenteou-se em toda a sua expressão, dando ás palavras terri-

veis que proferira um colorido tal de verdade horrivel, que a pobre senhora sentiu-se absolutamente esmagada ao pezo da responsabilidade d'aquella imposição, que a enchia a um tempo, de pavor e de espanto.

Seguiu-se a esta explusão de palavras, uma pausa extensa, e um silencio spasmodico.

D. Pedro quebrou finalmente esse silencio e disse com enthusiasmo indiscriptivel.

— Sou incapaz de um acto villão. Se unicamente me lisongiasse a sua posse, tel-a ia de ha muito obtido pelo meio facil de um rapto, e agora mesmo, quem ousaria vir aqui impedir-me a pratica de qualquer violencia, em que Ignez teria de ser sacrificada aos meus desejos?! Bem vê, Ignez, que ninguem. Eu sou agora aqui o seu arbitrio e o seu senhor, e todavia peço e não mando, rojo-me e não me imponho; porque eu quero viver, e viver muito para este amor, que é toda a minha felicidade e por gosal-o um momento não devo perdel-o para toda a vida, por uma eternidade. Condemnado á eterna escravidão d'este amor, só Ignez de Castro me póde libertar para a vida e para o mundo!

Dizendo isto D. Pedro, pondo um joelho em terra, beijou galantemente a mão da formosa donzella, cujo espirito exaltado pelas palavras que ouvira, se achava n'esse estado de perlpexidade, em

que não é permittido á rasão formular um raciocinio ou ligar uma idéa.

Amal-o-ia ella tambem?

. . . .

Camões descreveu a força irresistivel dos encantos d'este ser gentil e ideal e justificou-a d'uma maneira surprehendente, n'estas apaixonadas estrophes do seu poema immortal:

> Mas quem pode livrar-se por ventura
> Dos laços que Amor arma brandamente
> Entre as rosas e a neve humana pura,
> O ouro, e o alabastro transparente?
> Quem de uma peregrina formosura,
> De hum vulto de Medusa propriamente,
> Que o coração converte que tem preso,
> Em pedra não; mas em desejo acceso?
>
> Quem vio um olhar seguro, um gesto brando,
> Huma suave e angelica excellencia,
> Que em si está sempre as almas transformando,
> Que tivesse contra ella resistencia?
> . . . .
> . . . .
> . . . .
> . . . .

IV

As duas victimas

Desde essa noite o terrivel inimigo que D. Catharina posera no pensamento da sua gentil aia, estava evidentemente revelado.

Essa revelação estupenda, desorganisadora, e extraordinaria, produziu-lhe o effeito de uma revolução intima.

Uma lucta enorme insubjugavel e cruel se levantou no coração e na consciencia de D. Ignez de Castro.

A sua alegria infantil, a sua mocidade, a sua vida emfim, haviam des pparecido como visões fugitivas de um sonho delicioso.

Achou-se como que extranha em si mesma.

Não ha pena que descreva o supplicio d'essas duas mulheres, que o destino ligou, que a fatalidade não poude separar, que a morte fulminou por effeito da mesma causa — o amor.

> Tu só, tu puro Amor, com força crua,
> Que os corações humanos tanto obriga,
> Déste causa á molesta morte sua,

Como se fora perfida inimiga,
Se dizem, fero Amor, que a sede tua,
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

A historia attribue a desgost s motivados pelos amores do marido, a morte da infeliz filha de D. João Manoel.

Mas porque, sendo Ignez de Castro o objecto d'esse mal, não o affastou ella de si?

Porque, sendo D. Ignez de Castro essa expressão ideal da bondade angelica se tornou o instrumento consciente da desgraça d'aquella senhora a quem tamanhos extremos de affecto devia?

Naturalmente se não póde suppor que tão monstruosos sentimentos de ingratidão se abrigassem em tão delicada alma?

Ah! essa parte da grande tragedia de D. Ignez de Castro é que está ainda por escrever e descutir.

Muito de proposito os classicos da arcadea e os poetas da renascença, n'ol-a envolvem nos escombros da sua matemaphisica palavrosa, ou da sua rhetorica sentimental, receiosos de que a verdade fosse ferir os preceitos da escola, ou as conveniencias da moral casuistica dominante.

D'ahi as noções falsas dos factos, produsindo na historia e na arte, positivas heresias.

D'essa tragedia enorme que está por escrever, conhecemos apenas o desenlace cruel, e o epilogo feroz que lhe poz remate.

A sua parte mais intima e mais sentimental em que é despedaçado o coração d'essas duas mulheres, victimas por egual dos brutaes sentimentos da sua epocha, tão notavelmente caracterisada em Affonso XI de Castella e Pedro I de Portugal, essa não a conhecemos nós, mas podemos suppol-a, podemos imaginal-a e reproduzil-a na thela funebre d'este horrivel quadro das já celebres alcovas reaes no seculo XIV.

Quantas vezes essas duas mulheres chorariam juntas o seu cruel infortunio?!

D. Catharina violentada pelos maus tratos do marido, que n'ella encontrava o obstaculo vivo a que attribuia as resistencias que os delicados escrupulos de D. Ignez levantavam á satisfação dos seus desejos insestuosos e desvairados; quantas vezes entre lagrimas e vergada ao peso da sua desdita e da sua vergonha, teria ella supplicado de Ignez, da sua aia, uma intervenção em seu favor.

— Pede ao Pedro que me não trate mal.

Quantas vezes atterrada pela idéa da morte, teria supplicado de Ignez o sacrificio de não sahir do seu lado, de não a abandonar.

— Ah! Se me foges elle mata-me!

Dilemma tremendo!

Pela sua parte D. Ignez de Castro não viveria menos constrangida e violentada.

Se os maus trato de Pedro, não a alcançavam a ella, sob a obediencia e as imposições dos irmãos, estava condemnada á perpectua polé em que as maiores torturas lhe eram inflingidas para satisfação dos interesses e ambições da familia, que via na affeição do principe portuguez pela gentil castelhana, uma porta aberta para as influencias e produminio a que aspirava na côrte portugueza.

Esses interesses formavam o laço occulto, em que essas duas senhoras, que tão intimamente se estimavam, eram estranguladas lentamente pela força invencivel de circumstancias excepcionaes.

Houve um momento em que um raio de esperança de melhores destinos, penetrou nas escuridões da alma de D. Catharina.

Foi quando se denunciaram em seus seios os fructos de uma promettida maternidade.

Essa criança, esse casto fructo de umas relações tão infelizes e tão contrariadas, podia ser o Ires de paz nos horisontes dos dois conjuges.

—Ah! elle ha de amar seu filho e a mulher que lhe fez nascer esse sentimento até ali desconhecido ao seu coração, logrará chamal-o á vida do lar, despertar-lhe-ha o esquecido amor da familia.

Era uma-esperança, era a luz.

Os nove longos mezes decorreram tão breves pelo embevecimento d'este sonho embriagante, que mal pareceram nove curtos dias de uma festa de familia.

Pedro mostrava-se um pouco mais distrahido da idéa persistente do seu amor por Ignez. Tornara-se menos severo com a esposa e parecia disposto não se diria a amal-a, mas a respeital-a, a conceder-lhe mesmo a sua estima.

Tal facto seria uma grande conquista, uma grande felicidade para a desditosa senhora.

D. Ignez, porém, nem essa tregua lhe seria dado disfructar.

Para ella não havia treguas á lucta desesperada em que a fatalidade a envolvera.

Os irmãos enfurecidos pela resistencia que ella oppunha aos seus designios, attribuiam-lhe o momentaneo resffrimento da paixão do infante portuguez,

Entre D. Ignez e seus irmãos deveriam ter-se passado scenas de um realismo brutal e repugnante demais para que sejam reproduzidas.

Fugia-lhes a presa e era preciso que ella voltasse aos laços em que andava enleiada.

Rogos, pedidos, supplicas, astucia, e por ultimo imposições e ameaças. Tudo tentaram.

D. Ignez de Castro foi um instrumento das am-

bições de sua familia e uma victima das paixões da politica rancorosa e odienta do seu tempo.

Martyr do dever e do amor, como sua amiga e confidente, fora martyr obscura da honra e da obediencia á fé conjugal.

V

Dor que mata

Não quiz o destino que se realisassem as previsões còr de rosa do futuro de felicidade, que por momentos, foram os ante sonhos d'aquella ardente phantasia da infanta Castelhana.

A mãe não lugrou ser mais feliz do que a noiva e a espoza.

Seu filho Fernando, que depois deixou na historia o seu nome tão triste e repugnantemente assignalado, era um producto doentio e enfesado, expressão viva das forçadas relações que entre si mantinham os dois espozos.

De sorte que esse filho em que a pobre mãe punha toda a esperança de atrahir o marido, foi bem ao contrario, novo pretexto para mais o affastar.

A sua debil e afeminada aparencia, posto que

de uma belleza escultural, em doentia miniatura, repugnava-lhe, a elle que naturalmente desejaria ver em seu filho o embrião adiantado de um futuro guerreiro collossal.

D'este desgosto, porém, se consulava o seu espirito sensual, contemplando as fórmas correctissimas da gentil aia de sua mulher.

Pedro, apezar da severidade da sua justiça em pontos de castidade e correcção de costumes licenciosos, de que o bom do bispo do Porto foi um bem frisante exemplo, nem no seu passado como espozo, nem ao depois no seu reinado com o chefe politico e militar da nação, soube corregir-se dos habitos galantes de amor incestuoso de que era tão severo julgador para com os subditos.

Além d'estes amores da infeliz D. Ignez de Castro que ficaram do dominio da lenda, em toda a pureza ideal de que foram revestidos pela tradicção, outros amoros posteriormente entreteve o rei cruel, de que houve fructos que entraram nos ramos da nobreza do reino, oriunda da bastardia real e concubinagem prelaticia.

D'esses não se fez lenda e quasi se não fez mensão, não sabemos se por moralidade do chronista, se por moralidade dos tempos.

O facto é que por effeito da sua affeição por Ignez de Castro. e devorado de ciume e desejos, n'esse fogo de amor carnal que, tambem por mo-

ralidade dos tempos, os irmãos da gentil senhora tratavam de ateiar por todos os meios a seu alcance, D Pedro que tão indignado se mostrava dos maus tratos, que em Hespanha, o cunhado Affonso XI inflingia á irmã, a infeliz infanta D. Maria, imitava-o perfeitamente em Portugal, como se quizesse na infanta castelhana, sua mulher, vingar as offensas que em Hespanha estava soffrendo a infanta portugueza, sua irmã.

Esses maus tratos, essa dôr de espoza traida e desprezada, aggravaram os padecimentos que apressaram á pobre senhora o termo da penosa existencia.

A historia não nega o facto de que essa morte teve por capital origem o desgosto em que vivia D. Catharina, por causa dos amores do marido com a sua aia, por quem andava apaixonado.

D. Catharina, porém, não morreu amald çoando a que havia sido sempre a confidente das suas amarguras.

Eram ambas victimas das paixões brutaes do seu tempo, cujos excessos se dedusem do rigor com que as leis procuravam repremil as.

A severidade d'essas leis bem claramente denuncia a enormidade d'esse mal soc al.

A desditosa senhora foi a primeira victima sacrificada aos costumes licenciosos e libertinos do seu tempo, D. Ignez de Castro foi a segunda.

Não são duas mulheres que amam o mesmo homem e disputam entre si a preferencia do seu amor, são duas victimas sacrificadas a uma vontade a que não podem resistir, a uma auctoridade que as subordina, são emfim duas fracas mulheres que soffrem.

Dos sombrios humbraes da eternidade, entre as vascas da agonia derradeira, ellas despedem-se n'um mutuo olhar compassivo que longe de exprimir odio, traduz piedade, amor e perdão.

N'esse adeus extremo extingue-se para uma a vida que é a tortura, que é a lenta agonia de todos os dias, que é a perpetua condemnação de todas as horas, e recomeça para a outra uma nova existencia de attribulações, de remorsos, de perigos e de intrigas que lhe presagiam o desastrado desenlace que santificou pelo martyrio o seu infortunio e tornou eterna pela tradicção a sua memoria.

VI

Primeiro acto da tragedia

Em nada melhorou a situação da infeliz senhora antes foi aggravada pela morte da sua não menos desditosa amiga e senhora.

D. Pedro inteiramente livre para a satisfação da sua phantasia, de todo se lhe entregou, sem já procurar resguardos que velassem o escandalo da sua mancebia.

Ignez de Castro foi declarada, a aprasimento dos irmãos, a publica amante do viuvo herdeiro da coróa portugueza.

Ninguem ja o ignorava.

Desde esse momento a politica começou á ver n'essa amante, um obstaculo ás suas combinações e interesses; mais ainda, um perigo futuro, origem de gravissimas complicações.

D'ahi a influencia que os irmãos de D. Ignez de Castro tinham adquirido no animo do herdeiro da corôa portugueza, e de que já se iam aproveitando muitos fidalgos de Hespanha, provocava um ciume mal reprimido no espirito dos cortezãos e fidalgos da côrte de Affonso IV.

A lucta travou-se então nas regiões da diplomacia palaciana.

Tratou-se por todos os meios de levar o infante a contrahir segundas nupcias.

Accumularam-se as propostas e exigencias, o rei procurou vencer a repugnancia do filho a aceder aos pedidos que lhe eram dirigidos, para que escolhesse esposa entre as principaes casas reinantes da Europa, mas a firmeza da sua resolução oppondo-se á vontade do pae, irritou o seu animo

e deu aos adversarios de seu filho a mais terrivel das armas — a da vingança.

D. Pedro não podendo supportar pelo seu temperamento fugoso, a pressão que sobre a sua vontade pretendiam exercer os conselheiros de seu pae, reagio, rebelando-se abertamente.

Por doze annos se prolongou essa lucta de solicitações, protestos e ameaças.

A final D. Pedro resolveu despozar clandestinamente aquella que estava sendo objecto dos furores da côrte e levantar esse altivo obstaculo canonico ás suas pretensões importunas.

A cerimonia realisou-se em Bragança, disem as chronicas do tempo, posto que o facto não esteja de todo esclarecido, a ponto de não admittir contestação.

Não póde todavia precisar-se bem o dia e mez, mas suppõe-se que fosse no primeiro de Janeiro de 1352, isto é, sete annos depois da morte de sua mulher, o corrida em 1345.

A essa cerimonia, clandestina unicamente assistiram o bispo da Guarda, D. Gil, e o capellão Estevão Lobato.

D. Ignez de Castro jã não era então a amante de D. Pedro, mas sua mulher.

Aquelles amores haviam fortificado no coração do herdeiro da corôa, não já pelos fructos, da larga prole que d'elles alcançou, mas tambem e mais

particularmente pela opposição que os contrariava.

Nas organisações nervosas e fortes a contrariedade é o melhor dos estimulos para triumphar de todos os obstaculos.

Com o facto do casamento, a petulancia dos fidalgos castelhanos, de que o futuro rei quasi unicamente se rodeava subio de ponto.

A tempestade ameaçadora e tremenda recrudescia de intencidade.

Desencadiavam-se sobre a formosa cabeça da gentil senhora uns rugidos de ferocidade carnivora.

Teria ella acaso o presentimento dos perigos que a cercavam?

Não é crivel.

Nos seu paços de Coimbra, toda embevecida no amor dos filhos queridos, os seus sonhos seriam agitados unicamente pelo maior dos infortnuios, d'aquella por cujo respeito, a vida já mais lhe seria outra cousa que não fosse a expiação da culpa que não tinha, para nos servirmos da phrase do grande epico que lhe cantou os infortunios e o amor.

Guardava-a os respeitos do marido e o amor do amante, cujo fogo já mais viu extinguir dos seus olhos apaixonados e das suas phrases ardentes.

Aquella adoração era o seu refugio, aquellas

crianças o seu conforto, posto que no intimo, lá no fundo d'aquella alma, cujo sentir delicado e sacrificies cruciantes se devem acatar como reliquias veladas aos profanos em sacrario purissimo, a invensivel tristeza, impremisse á sua phisionomia aquella expressão de amargura eterna, que o epico traduz n'esta estrophe primorasa e suavissima :

> Estavas, linda Ignez, posta em socego,
> De teus annos colhendo doce fructo.
> Naquelle engano da alma, ledo e cego.
> Que a fortuna não deixa durar muito;
> Nos saudosos campos do Mondego,
> De teus formosos olhos nunca enxuto.
> Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
> O nome que no peito escripto tinhas.

Esses formosos olhos nunca enchutos, porque na memoria sempre viva jamais se apagou a lembrança do passado tenebroso, que serviu de prologo aquelle drama intimo da sua existencia como mãe e como mulher, tão malquista de uns e tão calumniada de todos, a opinião publica que se ia formando á roda da sua existencia e crescendo sempre como um phantasma sinistro.

Razões eram decerto essas, demais, para que um coração bem formado e um delicado espirito, como o seu, deixassem de exprimir no amargo pranto essa eloquente linguagem dos que sofrem

as maguas de que se alimentava, porque para a infeliz senhora, não havia dòr já que matasse como forças ou considerações humanas que a separassem d'aquelles seres queridos da sua alma, enlevos do seu ardente amor—os filhos que tanto estremecia.

Por sua parte, D. Pedro tão pouco achava acceitavel a supposição de uma qualquer tentativa violenta do rei contra aquella que elle antepunha a todas as considerações da fortuna e rasões do estado.

Certamente que seu pai não se atreveria a affrontar-lhe por tal modo as iras vingativas, conhecendolhe a indole de ferro e a vontade indomavel do seu caracter de bronze.

Contrariando-o, collocando-se superior aos manejos da camarilha do paço, que por adolar no rei o pae, pretendiam mandar na vontade do filho — D. Pedro obedecia aos impulsos naturaes do seu organismo.

Entretanto a rasão do estado em seus concelhos supremos resolvera supprimir a vida de D. Ignez de Castro.

A infeliz senhora votada á morte nos conselhos da coróa havia de ser apunhalada por tres fidalgos da casa de el-rei.

Para assassinar uma mulher votou o conselho tres homens da nobreza do reino, como se a eti-

queta determinasse no crime a qualidade do celerado.

Tres fidalgos acceitaram o encargo de matar D. Ignez de Castro, filha de D. Pedro Fernandes de Castro e para que fique mais em relevo a crueldade do facto e a crueldade dos tempos, ainda é o proprio rei que determina, influe e sanciona o assassinato!

Não deve espantar o caso porque a nossa historia attribue a Affonso IV, pouco depois, o envenenamento da sua propria filha.

D'este negro trama o bispo do Porto apressou-se a avisar muito particularmente D. Pedro.

Não acreditou D. Pedro que houvesse mão bastante firme para ferir uma mulher que elle tinha sob a sua protecção e n'uma estima muito superior a todas as considerações e vaidades do poder e do mando, uma mulher que valia para si mais que um throno, um sceptro e uma corôa.

Despresou o aviso.

Mais, como se quizesse mostrar a confiança e consciencia que tinha de que o respeito e o medo que devia inspirar aos cortezãos de seu pae, bastavam á defeza e guarda do precioso thesouro dos seus affectos mais ardentes — a mulher idolatrada e os filhos estremecidos — D. Pedro que era louco pela caça, desde então se entregou mais a essa paixão em que empregava longos dias e semanas

inteiras, ausente de casa e longe d'aquelles entes que tão no intimo do coração trasia representados pela ideia que nunca d'elles se apartava.

Ignez de Castro não teria de certo notado a frequencia agora d'essas ausencias tão demoradas. Ella tinha os filhos em que se resumiam todas as aspirações da sua existencia.

Se não os tivesse, bem cruel seria o travor d'este isolamento em que a deixava o esposo e cuja causa poderia ser talvez o pronuncio do abandono.

Que felicidade immensa aquellas tenras criancinhas que ella amava!

Pelo prisma encantador d'aquelles seres angelicos, todas as memorias tristes lhe fugiam para só dar logar á doce melancolia contemplativa d'aquelles saudosos campos do Mondego.

Do teu principe alli te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formozos se apartavam;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam:
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

VII

O crime

Animou os nobres scelerados a noticia d'estas repetidas ausencias do principe para fóra de Coimbra e foi n'uma d'essas occasiões que elles acertaram de pôr em pratica o cobarde proposito.

Esses fidalgos eram Alvares Gonçalves, Pedro Coelho e Diogo Lopes Pacheco.

Foi o proprio rei D. Affonso quem os apresentou em casa da triste victima da sua terrivel vindicta.

Elle foi pessoalmente, quem, dirigindo-se á contristada senhora lhe intimou a tremenda e cruel sentença.

Callemos o que ha de baixo e repugnante n'esta acção villã, que a terrivel razão do estado impunha fria e cinicamente ao primeiro magistrado, áquelle em quem a soberania da nação se fazia representar em toda a magestade do seu poder e da sua auctoridade.

Falle por nós o epico immortal. A descripção d'esse acto monstruoso, constitue a mais preciosa perola da corôa do poeta.

Ninguem o igualou n'esse canto apaixonado e sublime.

Do episodio de Ignez de Castro, sangrento e repugnante, só a lyra de Camões, poderia fazer um metheoro.

O seu genio tornou n'um assombro o que era um horror.

Dispertou o sentimento da admiração, narrando-nos um facto que só poderia dispertar-nos o sentimento da repugnancia.

Tal é o poder do genio!

De outras bellas senhoras, e Princezas
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu puro amor, desprezas,
Quando hum gesto suave te sujeita,
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria:

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso;
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso,
Que furor consentio que a espada fina,
Que póde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra huma fraca dama delicada?

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes, e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, e saudade
Do seu Principe, e filhos que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava:

Para o ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos:
E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel assi dizia:

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãi de Nino já mostraram,
E co'os irmãos que Roma edificaram:

O' tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vence-la

A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade sua, e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha,

E se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdel-a não fez erro.
Mas se to assi merece esta innocencia,
Poem-me em perpetuo e misero desterro
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

Poem-me onde se use toda a feridade.
Entre leões e tigres, e verei
Se nelles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei:
Alli co'o amor intrinseco, e vontade
Naquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãe triste,

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
(Que desta sorte o quiz) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito alli apregoam.
Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais, e cavalleiros?

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãi velha,
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
Bem como paciente, e mansa ovelha
Na misera mãi postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sostinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que despois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

Bem puderas, ó Sol, da vista destes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, ó concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,

O cheiro traz perdido, e a cor murchada;
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoravam:
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram,
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

VIII

A desforra

Avisado do occorrido, D. Pedro corre a Coimbra em som de guerra.

Na sua passagem fica assignalada a destruição e a morte.

Põe em guarda os filhos que estremece e o regio algoz poupara á vingança barbara, e jura por elles, por si e por aquella cujo espirito viverá eternamente na sua memoria, não mais embainhar a

espada vingativa, em quanto na sua presença houvesse um ferro que se cruzasse com o seu, que lhe contestasse a legitimidade da desforra.

Ao grito de rebeldia contra seu pae, que se tornára o seu algoz, desfraldou o pendão negro, das côres do eterno lucto que lhe ia n'alma e foi-se por essas terras de entre Douro e Minho, seguido dos irmãos de sua mulher e fidalgos da sua casa, em repto de guerra de exterminio, que tala os campos e deixa ermas as povoaçees que o fogo devasta.

Os dominios dos fidalgos que tinham concorrido para a cruel morte de D. Ignez de Castro foram assolados pela onda ivasora das ostes do principe louco de dôr e desespero, comprehensiveis e plenamente justificados na presença da atrocidade do attentado que o feria no que elle mais presava acima de todas as considerações humanas, a mãe de seus filhos.

Não acudio logo Affonso IV a castigar a rebellião do filho, ou porque os assumptos da politica que envolvia a Hespanha n'esse momento não eram para que se distrahisse d'elles por considerações de ordem secundaria, ou porque o remorso da fria acção praticada, lhe refreasse o impeto de assombro e indignação pelo procedimento do filho rebelde — o facto é que só depois de ter concluido com habil diplomacia as suas negociações com a

Hespanha, é que se pôz em campo contra o filho, indo procural-o a Guimarães.

Da lucta que estava imminente não era facil prever o desenlace.

Affonso IV habil politico e guerreiro esperimentado, obedecia á força das circumstancias que lhe empunham submetter o filho rebelde, que punha em situação de tal sorte melindrosa, em risco, com a propria corôa, a integridade da nação.

Reunio por tanto em Evora, nos primeiros mezes do anno de 1354, as forças que julgou suficientes á empreza e logo que se concluiram os esponsaes da infanta D. Maria com D. Fernando de Aragão, saiu d'aquella cidade, na verdade, evitando mais do que procurando o encontro com o filho, pois sô no anno seguinte, esse encontro se tornara onevitavel e estava a ponto de dar-se entre o pae e o filho.

Affonso IV ia achar-se na mesma situação a que arrastara seu pae, quando contra elle se rebellara, sem duvida com peior e menos grave pretexto, do que agora o fazia o filho legitimamente offendido pelo seu procedimento barbaro e cobardissimo.

O remorso na idade já em que o termo da vida se presente, era n'este caso para o velho rei, um inimigo mais bem terrivel que as hostes desorganisados e sem disciplina do filho.

Deus castigava-o bem justamente e esta convicção intebiava-lhe o animo e desarmava-lhe o braço vingador.

N'esta coalisão, sua mulher, a rainha D. Brites, indo encontral-o na villa de Canavezes, obteve a conciliação do pae com o filho, cujas bazes alli mesmo se estabeleceram e mais significavam uma abedicação da auctoridade real do que uma submissão como vassallo.

A desforra havia sido completa; se um se deixara vencer pelo coração aos rogos d'uma boa mãe o outro deixara-se vencer pela consciencia que lhe bradava:

«Maldito o filho que ergue a mão contra seu paə».

Pena de Talião, justiça de Deus.

IX

O ultimo acto da tragedia

Não correo muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas:
Que em tomando do reino a governança,
Á tomou dos fugidos homicidas:

De outro Pedro cruissimo os alcança ;
Que ambos imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro e injusto,
Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

Este castigador foi rigoroso
De latrocinios, mortes, e adulterios:
Fazer nos maos cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigerios.
As cidades guardando, justiçoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deo,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

Um anno apenas decorrido, Affonso IV deixou de existir, despedaçado pelos mais intimos desgostos de familia que podem affligir um pae.

Seu filho, D. Pedro, sobe em fim ao throno.

O seu ideal de vingança vai ser afinal satisfeito.

Castigador severo e cruel o seu nome deve ficar na historia firmado pela saliencia d'esses traços moraes do seu caracter.

Elle proprio procura dar aos seus actos essa feição.

Mas aquelles em quem elle acima de todos pretendia fazer sentir o maior rigor, não já da sua justiça, mas da sua vingança, em desforra terrivel e tão odiosa como fora a cruel afronta, estavam longe da sua alçada, em Hespanha para aonde se haviam refugiado.

Dois annos teve portanto que aguardar ainda, devorado dia a dia por aquella febre desesperada que o dominava, como uma especie de loucura, a cuja influencia submettia todas as suas acções.

Por ultimo as luctas de Castella com Aragão vieram servir-lhe de pretexto para enviar, á côrte de Fernando onde os matadores de Ignez de Castro andavam homisiados, propostas offerecendo áquelle rei o seu auxilio, sob condição da entrega dos figalgos portuguezes.

Seria ocioso dizer que essa proposta foi logo acceite.

Dos tres fidalgos, poude escapar-se para Aragão Diogo Lopes Pacheco, scb o disfar-se do mendigo que o avisara da ordem que havia de o trazerem a Lisboa.

D. Pedro estava ao almoço quando lhe trouxeram a nova da chegada das suas duas victimas.

—Ah! exclamou satisfeito, aludindo ao appelido de uma das victimas, temos então Coelho para o almoço!

Por elle começaremos.

E alevantando-se da meza foi assistir pessoalmente ao supplicio atroz a que logo ordenou fossem submettidos e assevera o chronista Fernão Lopes, que foi o de arrancar em vida o coração pelo peito a Pedro Coelho e pelas espaduas a Alvaro Gonsalves.

Terminado este mostruoso espectaculo de sangue, foi almoçar.

A satisfação da vingança fôra igual á expansão da dôr que a provocára n'aquella organisação vulcanica, cujas explosões similhavam lavas de fogo, que só com sangue humano se apagavam.

*

* *

Satisfeita a vingança, saciado de sangue aquelle cerebro doentio, restava a esse louco de amor e de odio que ambos esses sentimentos se confundem por tal modo no caracter de D. Pedro que não é facil estremarem-se; restava a esse louco, diziamos, a apotheose, a glorificação da sua victima, por igual extraordinaria, assumbrosa e até alli nunca vista, nem igualada em imponencia e magestade.

A 12 de junho de 1360, achando-se em Catanhede, reunio a côrte, e, em prezença do mordomo-mór, conde de Barcellos; do chanceller João Affonso e do tabellião Gonçalves Pires, jurou ter casado clandestinamente, dose annos antes, com D. Iguez de Castro de quem houvera filhos que eram os infantes D. João, D. Diniz e D. Pedro.

Esta declaração jurada foi confirmada pelas testemunhas do acto, que se achavam presentes.

De tudo se lavrou accento que todos assignaram.

Dias depois em reunião mais numerosa, o mordomo-mór repetiu as declarações do rei e a confirmação das testemunhas, expondo as razões de obediencia filial que o impediram de tornar em vida do rei D. Affonso IV, publico esse acto.

Apezar da qualidade e dos instinctos ferozes da pessoa, em nome de quem o mordomo fallava, a extranhesa e o imprevisto do facto, produzio extraordinaria censação e em muitos fidalgos presentes suscitou duvidas, que todavia faram dispensados de expôr ou esclarecer melhor.

Immediatamente a esse acto e sem aguardar outros acontecimentos, nem tratar de produzir melhores justificações da sua palavra e da sua vontade, D. Pedro ordenou que o corpo de D. Ignez de Castro seja transportado da Santa Clara de Coimbra, com pompa real, para Alcobaça.

Não ha memoria de sahimento funebre mais solemne e mais imponente.

Por duas leguas se estendia o lugubre prestito em que, por assim dizer, toda a nação se encorporara.

O silencio respeitoso d'essa multidão que formava como que a apotheose do tragico successo que essa transladação commemorava, tinha porém, algum coisa mais de pavoroso do que de funebre.

A recente e barbara punição, imposta c mo epilogo da espantosa tragedia, estava bem de memoria em todos os espiritos: o medo mais ainda que o respeito faziam-se bem representar n'esse extraordinario prestito.

Havia alguma cousa pe'or para essas consciencias escrupolosas da côrte, do que reconhecer valido, sem mais exame, o supposto casamento do rei cruel, era incorrer na colera do soberano.

Assim, esse cortejo depois de haver acompanhado o cadaver da desditosa senhora no longo precurso que vai de Coimbra a Alcobaça, assistiu ao espectaculo, não menos singular, da corôação d'esse cadaver e desfillou descoberto e respeitoso perante elle, depois de lhe haver beijado a mão em testemunho de vassalagem.

E assim depois de morta foi rainha, tal era a vontade dos reis n'esses tempos obscuros ainda em que as paixões imperavam mais que a rasão e mais até que as proprias leis da natureza.

A ellas se curvavam não só os reis como as nações.

Ignez de Castro, foi, todavia, digna d'esta dupla submissão de reis e de povos, porque o infortunio a santificou tanto na vida, como na morte a glorificou o martyrio.

FIM

INDICE